

TRANSFERÊNCIA FONOLÓGICA DO FALAR PARAIBANO NO APRENDIZADO DA LÍNGUA INGLESA

Priscila Evangelista (UFPB/ PROLING)
prisevangelista@hotmail.com

Introdução

A transferência linguística é um fenômeno bastante recorrente no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Aplicar os mesmos recursos linguísticos da língua materna (LM) na LE é uma ação realizada constantemente pelo aprendiz, o que demonstra que a LM exerce forte influência sobre a língua-alvo. A aplicação do processo de transferência pode ocorrer nos níveis fonológico, sintático, semântico e pragmático. Buscando entender quais os procedimentos utilizados pelos aprendizes de uma LE, alguns estudos (BAYLEY, 2005; LUCENA & ALVES, 2009; CAGLIARI, 2010; LIMA, 2012) têm sido realizados na interface Teoria da Variação e a Aquisição de Língua Estrangeira.

De acordo com Lima (2012), durante o processo de aquisição de LE a transferência “é mediada por fenômenos fonológicos ocorridos em um dos sistemas linguísticos envolvidos” (p. 15). Sendo o domínio fonológico um dos ambientes que mais favorecem a ocorrência da transferência linguística, percebemos a necessidade de desenvolver estudos voltados para questões sobre a transmissão de fenômenos fonológicos de LM nos diferentes estágios do aprendizado de uma língua estrangeira.

O presente trabalho, portanto, se calca em três áreas distintas da Linguística: Aquisição de Segunda Língua, Fonologia e a Sociolinguística. Esse diálogo poderá trazer respostas a questionamentos que são levantados por cada área, mas isso não significa dizer que esse estudo trará conclusões fechadas sobre o fenômeno que estaremos analisando. Diante disso, o estudo aqui apresentado pretende trabalhar com a aquisição de um traço fonológico da língua inglesa por falantes de um determinado dialeto do português do Brasil.

Trabalhos (PEDROSA, 2009; SARAIVA, 2000) apontam que a coda silábica é uma posição que favorece bastante o fenômeno da variação. Nesta posição, o /S/ não apresenta valor distintivo, mas sim, uma variação linguística de uma determinada comunidade. Um caso específico de variação desse segmento ocorre no falar paraibano. De acordo com Hora e Pedrosa (2008), diferentemente de outros falares brasileiros, os paraibanos utilizam mais as palato-alveolares a depender do contexto fonológico seguinte. As variantes palatais ocorrem quando o contexto fonológico seguinte for uma oclusiva dental.

Por outro lado, na língua inglesa a palatalização desse segmento nesse mesmo contexto fonológico não é permitida. Esta afirmação nos levanta o questionamento se paraibanos aprendizes do inglês palatalizam o [s] ante o fonema [t] quando estão falando a língua inglesa. Partindo desta hipótese, o objetivo geral desta pesquisa é: investigar se há transferência do dialeto paraibano na realização do [-st] em palavras de língua inglesa.

Este estudo ainda pretende identificar se há ou não a palatalização do [s] ante a oclusiva dental surda na produção oral em inglês por aprendizes paraibanos, bem como analisar quais fatores, linguísticos e sociais, podem favorecer a ocorrência dessa transferência, por meio da análise quantitativa dos dados.

A investigação iniciará com a coleta dos dados, através de gravações de leituras de frases em inglês. Em seguida, buscaremos analisar os contextos linguísticos – *precedente*, *posição na palavra* e *tonicidade* – que favorecem a palatalização do [s] na língua estrangeira. Investigaremos também se as variáveis extralinguísticas, *sexo*, *informantes* e *nível de proficiência*, poderão influenciar a palatalização.

1. Aquisição de LE, Fonologia e Teoria da Variação Linguística

1.1 – Aquisição de LE: questões sobre transferência

Os estudos no campo de Aquisição de Segunda Língua (ASL)¹ intensificaram-se após a década de 1960, o que a caracteriza, portanto, como uma área relativamente nova de estudo. As pesquisas nessa área partiram do desejo de entender como se dá o complexo processo de aquisição de uma língua não-nativa, isto é, a aquisição de outra língua subsequente à língua materna, buscando explicar quais os fatores que interatuam nesse processo. Desde então, trabalhos (ELLIS, 1994; WHITE, 2003; SPINASSE, 2006) vêm sendo desenvolvidos, abordando questões sobre ensino-aprendizagem de línguas, interlíngua, plurilinguismo, casos de transferências, dentre outros. Um exemplo de estudo nessa linha de pesquisa pode ser encontrado em Zimmer (2004), que versou sobre um estudo conexionista da transferência do conhecimento fonético-fonológico do português brasileiro como língua materna para o inglês (LE) num contexto de leitura oral.

Um dos focos de estudo da área de aquisição de língua estrangeira é a questão da transferência da língua materna no aprendizado de uma LE. De acordo com Souza (2010), o termo “transferência” teve sua origem na palavra “interferência”. No entanto, segundo a autora, percebeu-se que o termo interferência soava como uma expressão pejorativa, pois “refletia como uma crítica à incapacidade do indivíduo de separar as duas línguas, podendo ser vista como uma falha ou defeito” (SOUZA, p. 41). Por esta razão, chamaremos aqui toda e qualquer influência da língua materna de transferência.

Nesse mesmo contexto, surge o conceito de interlíngua, que é definido como o sistema ordenado construído pelo aprendiz, próprio de uma determinada etapa do aprendizado de uma língua estrangeira. Na visão de Fontana (2005, p. 24), a interlíngua é caracterizada como “uma língua intermediária evoluindo em direção à língua-alvo”. Em outras palavras, é um sistema que se encontra entre a língua materna e a língua que está sendo aprendida.

Ao redefinir o termo, Gass (1988) diz que “a noção de transferência de língua envolve o uso da informação da língua nativa (ou outra língua) na aquisição de uma segunda língua”. (Tradução minha. GASS, *apud* SOUZA, 2010, p. 43).

Na apreciação de nossos dados, portanto, trataremos de casos de transferência do ponto de vista fonológico, baseando-se na conceituação de Gass, por nos parecer mais objetiva.

1.2 – Fonologia: teoria da sílaba

Conforme Pedrosa (2009), a Teoria da Sílaba ganha um papel de destaque por meio das concepções da Fonologia Prosódica, na qual propõe que os domínios prosódicos possibilitam a organização da língua. A sílaba, como um constituinte do domínio prosódico, é considerada por estudiosos da área (SELKIRK, 1978; NESPOR & VOGEL, 1986; HAYES, 1989), a menor categoria na hierarquia prosódica, que é constituído por sílabas, pés, palavras prosódicas, grupos clícticos, frases fonológicas, frases entoacionais e enunciados.

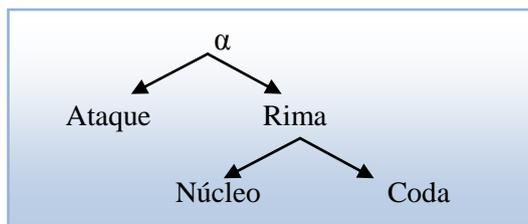
Os elementos que formam a sílaba seguem certos princípios de organização. Por sua vez, esses princípios variam de uma língua para outra. Ao comentar sobre o assunto, Pedrosa (2009) afirma que “com base na estrutura interna da sílaba, o estudo da organização e diferenciação das línguas passa a observar os segmentos em relação à posição que ocupa na

¹ Neste trabalho utilizaremos o termo língua estrangeira (LE).

sílaba, estabelecendo, por conseguinte, a tipologia de cada língua”. (PEDROSA, 2009, p. 46-47).

Selkirk (1982, *apud* PEDROSA, 2009, p. 50) propõe uma representação fonológica das sílabas. O molde silábico é apresentado da seguinte forma:

Figura 1
Molde silábico segundo Selkirk



Na figura 1, observa-se que a sílaba é composta por ataque (*onset*) e rima. Esta, por sua vez, divide-se em núcleo e coda. Segundo Mattoso Câmara (*apud* Pedrosa, 2009), se analisarmos a sílaba num viés fonético, cada sílaba de uma palavra terá um pico de sonoridade, ou seja, um segmento que apresenta um grau de projeção maior do que os outros segmentos silábicos.

Segundo Clements (1990), a posição que os constituintes ocupam na sílaba e a relação com seu aspecto sonoro ou audível foi observada por Jespersen (1904) quando propôs a sua escala de sonoridade 10. Por essa proposta, as posições de ataque e coda são consideradas mais débeis em termos de sonoridade do que a posição de núcleo, não necessitando, dessa forma, estarem sempre preenchidas. E o núcleo, por ser considerado o coração da sílaba, apresenta-se, na maioria das vezes, preenchido. (PEDROSA, 2009, p. 51)

No português, o núcleo só pode conter segmentos vocálicos, pois são os segmentos mais sonoros. No entanto, outras línguas, como o inglês, admitem o preenchimento dessa posição com consoantes soantes (PEDROSA, 2009).

Como o ataque sinaliza o início da sílaba e, portanto, menos sonoro, pode ser ocupado por todos os segmentos consonantais que possuem um grau de sonoridade mais baixo em relação à escala de sonoridade. Já a coda pode ser preenchida por consoantes, todavia, a quantidade de consoantes que ocupam esse lugar é bem restrita (BISOL, 2005).

No português, os padrões silábicos mais preferidos são o CV e o CVC (CRISTÓFARO-SILVA, 2007). Diferentemente, a língua inglesa pode permitir até três consoantes no ataque, uma vogal no núcleo e até quatro consoantes na coda, conforme Freitas e Neiva (*apud* SOUZA, 2010, p. 28).

Analisando as estruturas silábicas de ambas as línguas, nota-se que sequência do tipo *state* é permitida no inglês, ao passo que em português, a sequência [st] não forma sílaba. Para realização no português, seria necessária a inclusão de uma vogal antes do segmento [s]. Isto acontece porque a língua portuguesa não admite esse tipo de cluster silábico. Ao discorrer sobre os grupos consonantais em início de palavras da língua inglesa, Sant’Anna (2003) afirma que:

Na LI², existem grupos consonantais em início de palavra, tais como /sp-/, /st-/, /sk-/, /sl-/, /sm-/ e /sn-/ que, por não ocorrerem da mesma forma no português, podem levar os estudantes a acrescentar, antes dos tais grupos, uma vogal de apoio. O fato é que qualquer grupo consonantal do inglês, em início ou final de palavra, pode trazer dificuldades de pronúncia para o estudante de LI. (SANT'ANNA, 2003, p. 65).

1.2.1 – Caracterização dos fonemas [s] e [ʃ]

As consoantes fricativas são caracterizadas pela obstrução parcial da corrente de ar. Na produção de um fonema fricativo os articuladores se aproximam causando uma fricção. Logo, os fonemas [s] e [ʃ] são fricativas. Quanto ao papel das cordas vocais, ambas as consoantes são classificadas como surdas, pois não há a vibração das cordas vocais quando estes fonemas são realizados. A diferença existente entre os dois fonemas está no ponto de articulação. A consoante [s] é caracterizada como sendo alveolar, ao passo que a consoante [ʃ] é qualificada como sendo uma fricativa palatal (Classificação do Alfabeto Fonético Internacional).

Com relação à realização desses dois fonemas na língua portuguesa, na posição de ataque silábico, ambos apresentam um caráter distintivo, como em sapo [ˈsapu] e chato [ˈʃatu]. Todavia, em coda silábica, o [s] e [ʃ] podem apresentar um caso de alofonia³.

1.3 – Teoria da Variação Linguística

A Teoria da Variação Linguística, também chamada de Sociolinguística Variacionista, é uma ciência que estuda a língua partindo do contexto social na qual ela se insere. Para essa corrente teórica, a variação e a mudança são fenômenos inerentes às línguas humanas e, desta feita, devem ser considerados na análise linguística. Partindo desse princípio, observa-se que a fala não é assistemática, proposta contrária a afirmação de Saussure na sua célebre dicotomia *langue* (língua) *versus parole* (fala), na qual afirmava que a fala, como resultado do uso particular do falante, não apresenta um caráter homogêneo.

Essa corrente de estudos linguísticos surgiu como resposta ao modelo gerativo, no qual não comportavam em seus estudos os componentes sociais. Labov (2008), reagindo contra a teoria chomskyana, ressalta a importância da inclusão dos elementos sociais para se mapear e sistematizar as variantes existentes em uma determinada língua, dentro de uma mesma comunidade.

Assim, essa corrente estuda a língua em seu uso real, levando em conta as relações estruturais, bem como os aspectos sociais e culturais. Desta forma, a língua é vista como uma instituição social, não podendo ser estudada independente do contexto social do indivíduo.

1.3.1 – A fricativa coronal surda dentro da comunidade pessoense

Pesquisas realizadas na comunidade pessoense apontam o comportamento do arquifonema /S/. Em posição de coda interna, Hora (2003) afirma que o segmento /S/ se apresenta de forma heterogênea, ora sendo realizado como alveolar [s, z], ora como palatal [ʃ,

² Língua Inglesa

³ Ocorre quando há a alternância da produção de um som.

3] e ainda de forma aspirada [h]. No tocante à posição final, Hora e Pedrosa (2008) apontam as mesmas realizações que a coda interna, acrescentando a possibilidade do apagamento deste fonema [s, z, ʃ, ʒ e ø].

Hora e Pedrosa (2008) ainda asseveram que os paraibanos têm preferência pelas alveolares, no entanto, as palato-alveolares são mais produtivas, dependendo do contexto fonológico seguinte. As variantes palato-alveolares ocorrerão quando o contexto fonológico seguinte for uma oclusiva dental.

Diante dessa realidade, a nossa pesquisa busca investigar os processos de transferência fonológica do dialeto paraibano na realização do [st] em palavras de língua inglesa, o que caracteriza o nosso objeto de estudo, bem como, contribuir para a descrição de casos de transferências fonológicas na aprendizagem do inglês como língua estrangeira para falantes do português brasileiro.

2. Metodologia

Nossa pesquisa se pauta na análise de dados de leitura de frases realizadas por aprendizes de língua inglesa, melhor dizendo, partimos das produções orais de paraibanos em uma situação de leitura monitorada para investigar nosso objeto. Entende-se por leitura monitorada, a gravação dos dados de leitura em casos não-naturalísticos. Foram criadas vinte frases, na qual em dez delas o contexto [-st] encontrava-se em sílaba átona. As outras dez por sua vez, em sílabas tônicas. Mais cinco frases distratoras também foram criadas a fim de evitar um possível direcionamento dos participantes para o assunto da pesquisa. As gravações foram feitas com alunos e professores do Curso de Extensão da Universidade Federal da Paraíba.

A presente investigação é caracterizada por um estudo de natureza quantitativa. Atuando com tratamentos estatísticos dos dados coletados dentro de uma comunidade heterogênea, buscamos apresentar dados representativos das produções orais em inglês de um determinado grupo que compartilha a transferência de um traço fonológico específico de sua comunidade na aquisição da língua estrangeira em questão.

A hipótese para esta pesquisa é que paraibanos aprendizes de inglês podem palatalizar o [s] ante a oclusiva dental surda [t] em palavras lidas na língua estrangeira, visto que o dado fenômeno é um traço fonológico característico desse falar, o que pode propiciar a transferência de sua LM para a LE. Acreditamos também que quanto mais tempo de exposição à língua inglesa, menor será a tendência de aplicação da regra, da mesma forma que, quanto menos tempo de aprendizado da LE, maior a probabilidade de ocorrência da palatalização.

O *corpus* da pesquisa foi então constituído pelas gravações das frases realizadas por paraibanos aprendizes da língua inglesa. Nossa amostra contou com 8 participantes assim distribuídos:

- 1) Sexo:
 - Masculino - 4 informantes
 - Feminino - 4 informantes

3. Apreciação dos dados

No presente capítulo, passaremos para a apreciação dos resultados obtidos através do programa GOLDVARB X (TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). É importante mencionar que o dado programa é utilizado em pesquisas sociolinguísticas em língua materna e em língua estrangeira. Outros trabalhos seguindo essa mesma linha de pesquisa também utilizaram o mesmo programa, como o de Souza (2010) sobre a produção variável da lateral pós-vocálica

na aprendizagem do inglês por falantes do português brasileiro e o de Bayley (2005) que usou o programa para analisar o seu *corpus* de aquisição de língua estrangeira.

Num primeiro momento, todos os dados foram inseridos e rodados no referido programa. Após diferentes combinações entre os grupos de fatores, o programa selecionou uma combinação que apresentou o melhor resultado. As variáveis escolhidas pelo GOLDVARB X como sendo as mais relevantes na aplicação da regra de palatalização do segmento [s] ante a oclusiva dental [t] foram **informante, posição na palavra e contexto precedente**. As demais foram excluídas da rodada, não sendo necessário, portanto, utilizá-las em nossa análise.

A variável **informante** foi a que se mostrou mais produtiva na aplicação da palatalização, sendo a única variável que não foi excluída pelo programa em nenhuma rodada. Portanto, vejamos os respectivos resultados:

Tabela 1 - Informantes

INFORMANTES	APLICAÇÃO/%	PESO RELATIVO
Informante R (b)⁴	95%	0.973
Informante Y (b)	55%	0.703
Informante H (a)	35%	0.510
Informante P (a)	25%	0.392
Informante S (b)	20%	0.326
Informante J (b)	20%	0.326
Informante C (a)	15%	0.255
Informante Q (a)	10%	0.177
TOTAL	34.4%	

Ao observar a tabela 1, percebe-se que o informante R é o que mais aplica a palatalização, apresentando peso relativo 0.973. Por outro lado, o informante Q é o que menos realiza a regra com peso relativo 0.177. Esses dados indicam que quanto mais tempo expostos à língua inglesa, menos o aprendiz realiza a palatalização. A comprovação disso se dá pelo fato de que o informante R encontra-se no nível básico, ao passo que, o informante Q está no nível avançado. Diante desse fato, surge o questionamento: por que o programa não selecionou a variável *nível de proficiência*? Uma possível resposta é que os informantes distribuídos entre os dois níveis apresentaram pesos relativos bem parecidos (Avançado: 0.465; Básico: 0.535). Mesmo assim, vemos que o nível básico foi o que mais realizou a palatalização. Como a variável extralinguística *informante* apresentou resultados que também comprovaram que quanto maior a exposição do aprendiz à língua inglesa, menos uso de características de sua língua materna, acreditamos que o programa selecionou esta variável por ela apresentar pesos relativos mais significantes.

⁴ A letra ‘a’ significa que o informante se encontra no nível avançado; ‘b’ significa que o informante está no nível básico.

Todavia, nossa hipótese não se mostrou verdadeira para três informantes, a saber, J, S e H. Os dois primeiros apresentam pesos relativos que desfavorecem a aplicação da regra, um fato que deve ser levado em conta, haja vista que ambos encontram-se no nível básico, o que significa menos tempo de exposição à língua. Já o informante H, apesar de ter a mais tempo contato com a língua por encontrar-se no nível avançado, apresenta características fortes de transferências fonológicas do português para a LE. Este próprio informante disse ter algumas “dificuldades de pronúncia”. Para todos os demais, a hipótese de que quanto menos exposição, maior a tendência de aplicação da palatalização e vice-versa, mostra-se verdadeira.

A segunda variável selecionada pelo programa computacional GOLDFARB X foi **posição na palavra**. Os resultados são os que se seguem na tabela abaixo:

Tabela 2 - Posição na palavra

POSIÇÃO NA PALAVRA	APLICAÇÃO/%	PESO RELATIVO
Interior de palavra	37.5%	0.646
Final de palavra	29.7%	0.289
TOTAL	34.4%	

Como podemos notar na Tabela 2, o fenômeno da palatalização é favorável em posição de interior de palavra, haja vista apresentar peso relativo 0.646. O mesmo não ocorre no final de palavra, pois com o peso relativo de 0.289 não favorece a aplicação da regra. Esses resultados mostram a produtividade que o fonema [ʃ] tem no falar paraibano, confirmando mais uma vez, a hipótese da transferência fonológica da LM para a LE.

O **contexto precedente** foi a terceira variável selecionada pelo programa. Vejamos abaixo os resultados obtidos:

Tabela 3 - Contexto precedente

CONTEXTO PRECEDENTE	APLICAÇÃO%	PESO RELATIVO
/i/ (registrar)	50%	0.800
/æ/ (past)	43.8%	0.731
/e/ (test)	37.5%	0.700
/ou/ (poster)	31.2%	0.528
/ɑ:/ (pasta)	25%	0.254
/ə/ (honesty)	18.8%	0.230
/p/ e /g/ (lipstick, drugstore)	18.8%	0.139

/n/ (unstable)	12.5%	0.048
/ɔ/ (costs)	12.5%	0.048
TOTAL	34.4%	

Conforme observamos na tabela 3, a vogal /i/ é a que mais favorece a palatalização, apresentando peso relativo de 0.800, seguida das vogais /æ/ e /e/, com peso relativo de 0.731 e 0.700, respectivamente. Esse dado nos mostra que as vogais anteriores são as que mais propiciam o fenômeno da palatalização, visto que são pronunciadas com a língua posicionada em direção ao palato duro, próximo aos dentes, assim como a consoante palatal [ʃ], que é produzida através do contato da língua com o palato. Portanto, seria a proximidade da zona de articulação das vogais anteriores com o ponto de articulação da palatal [ʃ] um fator que favorece a aplicação da regra de palatalização. Pode-se dizer, então, que esse processo fonológico dá-se devido à tentativa de o falante tornar a produção da fala mais fácil de realizar, imprimindo, assim, a lei da redução de esforço.

Um dado importante foi observado quanto a não-aplicação da regra quando o contexto precedente era uma oclusiva. Devido ao fenômeno da epêntese⁵, acreditava-se que seria mais provável a palatalização, visto que grande parte dos informantes acrescentavam um [i] antes do contexto [-st] de palavras como ‘lipstick’ e ‘drugstore’, o que tornava este encontro mais próximo de palavras do português como /'paʃta/.

Considerações finais

Com a realização dessa pesquisa, foi possível compreender melhor algumas questões sobre transferência fonológica em diferentes estágios do aprendizado de língua inglesa. Para tanto, objetivamos investigar se há interferência do dialeto paraibano na realização do [-st] em palavras de língua inglesa. Especificamente, buscamos investigar se há ou não a palatalização do [s] ante a oclusiva dental surda na produção oral em inglês por aprendizes paraibanos, bem como analisar quais fatores, linguísticos e sociais, podem favorecer a ocorrência da transferência.

Acreditamos que os referidos objetivos foram cumpridos e, para melhor comprovar esse fato, apresentaremos algumas considerações sobre nossos resultados.

A primeira consideração a ser feita é que, de fato, é de suma importância a inclusão de fatores sociais na análise linguística sobre transferência, neste caso, no nível fonológico, pois os resultados comprovaram que a variável informante foi o fator que mais condicionou o favorecimento da palatalização. A língua, como uma instituição social, não pode ser estudada sem levar em conta o contexto social do falante. Esta é mais uma prova de que as variáveis extralinguísticas não podem ficar de fora de análises que lidam com a língua sob o ponto de vista “do seu uso real”.

Outro fator condicionante a aplicação da regra, foi a variável linguística posição na palavra. Como a produtividade da palatal, no falar paraibano, só acontece em coda interna, e não em final de palavras, a palatalização só ocorreu, como o esperado, no interior de palavras. Mais uma comprovação de transferência de LM para LE.

⁵ A epêntese é a inclusão de uma letra ou de uma sílaba sem valor determinado no meio de uma palavra.

Por fim, desejamos que este trabalho traga um acréscimo não apenas aos estudos descritivos sobre aquisição fonológica da língua inglesa por falantes do português do Brasil, mas também no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Com relação aos aprendizes, espera-se que possamos ter ajudado no sentido de expor a existência de fenômenos como o que apresentamos, mostrando a eles que o seu reconhecimento pode trazer melhoras significativas na pronúncia. No tocante aos professores, deseja-se que tenha havido uma melhor compreensão do que muitas vezes é tratado como “erro de pronúncia”, pois, na verdade, são questões de transferência de LM para LE. Infelizmente, aspectos como esses não são trabalhados nos livros didáticos.

Referências

BAYLEY, Robert. *Second Language Acquisition and Sociolinguistic Variation*. San Antonio: University of Texas, 2005.

BISOL, Leda (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

CAGLIARI, Aline. *A produção dos encontros consonantais sC do inglês por falantes nativos do português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. – (Coleção ideias sobre Linguagem).

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. *Fonética e Fonologia do Português - Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios*. 9. ed. São Paulo: Editora Contexto (9a edição, março 2007, inclui áudio e Índice remissivo), 2007. v. 1.

ELLIS, R. *The Study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

FONTANA, Beatriz. *Aquisição de inglês como língua estrangeira em uma escola pública: jogos de poder, produção e reprodução de identidades*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

HAYES, Bruce. Compensatory Lengthening in Moraic Phonology. *Linguistic Inquiry*. Cambridge: MIT Press, vol. 20, n. 2, 1989. p. 253-306.

HOOPER, Joan. *An introduction to natural generative phonology*. New York: Academic Press, 1976.

HORA, Dermeval da. *Fricativas coronais: análise variacionista*. In: RONCARATI, Cláudia; ABRACADO, Jussara (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Letras, 2003.

HORA, Dermeval da. PEDROSA, Juliene Lopez Ribeiro. In RONCARATI, Claudia & ABRAÇADO, Jussara (Orgs). **Português Brasileiro II: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Niterói: EduFF, 2008.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA, Luana Anastácia Santos de. *Epêntese vocálica medial: uma análise variacionista da influência da língua materna (L1) na aquisição de inglês (L2)*. Dissertação (Mestrado em Linguística). João Pessoa: UFPB, 2012.

LUCENA, Rubens Marques de; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. *Influência do dialeto materno na aquisição de inglês (L2): o caso das obstruintes em posição de coda*. Letra Viva, v. 9, p. 19-33, 2009.

KAHN, Daniel. *Syllable - based generalization in English Phonology*. Tese de PhD. Cambridge, Massachusetts: MIT, 1976.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2009.

NESPOR. Marina, VOGEL. Irene. *Prosodic Phonology*. Foris Publications, U.S.A: 1986.

PEDROSA, Juliene L. R. *Análise do /s/ pós-vocálico no português brasileiro: coda ou onset com núcleo foneticamente vazio?* Tese de Doutorado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2009.

SANT'ANNA, Magali Rosa de. *As interferências fonológicas no inglês como língua estrangeira para os falantes do português do Brasil*. In Dialogia, v. 2, Outubro/2003.

SARAIVA, Carlos Alberto Moreira. *As múltiplas realizações do fonema /S/ em posição de coda na fala do cratense*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2000.

SELKIRK, Elisabeth. On prosodic structure and its relation to syntactic structure. In: FRETHEIM, T. (ed.). *Nordic Prosody*. Trondheim: TAPIR, 1978. p. 111-140.

SOUZA, Liana Bairros de. *[fi:l] ou [fi:w]? – A produção variável da lateral pós-vocálica na aprendizagem do inglês por falantes do português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

SPINASSE, K. *Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no sul do Brasil*. In: *Revista Contingentia*, v.1, Nov/2006.

TAGLIAMONTE, Sali and SMITH Eric. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Departamento de Linguística, Universidade de Toronto, 2005.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1990.

WHITE, L. *Second Language Acquisition and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ZIMMER, M.C. *A transferência do conhecimento fonético-fonológico do português brasileiro (LM) para o inglês (LE) na recodificação leitora: uma abordagem conexionista*. 2004. 187f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004a.